

Índice

- 7_ Introdução: Antropologias, ciências e pandemias, no plural
Paride Bollettin
- 1 | 19_ Impacto do negacionismo da ciência no combate à
COVID-19 no Brasil
Antonio Alfa Candé
- 2 | 33_ Políticas Econômicas Brasileiras e a COVID-19:
A Constituição de um Coletivo Antidemocrático
Felipe Rebelo Gomes de Lima
- 3 | 49_ O lugar da ausência
Ismael Silva dos Santos
- 4 | 59_ Coronavírus, Ciência e Complexidade
Júlia Barbosa Silva
- 5 | 71_ COVID-19 e difusão do conhecimento: Diálogos possíveis
Moisés dos Santos Viana
- 6 | 93_ O enfrentamento da Covid-19 no Sistema Prisional de
Salvador diante do Estado de Coisas Inconstitucional
Sthella Laryssa Barros Loureiro Lima

- 7 | 117_ Repensando o conhecimento científico: A presença de mulheres cientistas nas pesquisas sobre a COVID-19 no Brasil
Thainá Soares Ribeiro
- 8 | 135_ Covid, Genes e Neandertais: Uma controvérsia sobre a origem do humano
Paride Bollettin

Introdução

Antropologias, ciências e pandemias, no plural

Paride Bollettin

Department of Anthropology, Faculty of Science, Masaryk University

Este volume surge das atividades de um grupo de trabalho coletivo dedicado ao tema das relações entre antropologias, ciências e pandemia de COVID-19.¹ Os textos aqui reunidos, elaborados por algumas/alguns das/dos participantes do grupo de trabalho, apresentam uma ampla visão dessas possíveis relações. Percorrendo as páginas que compõem o volume é assim possível adentrar-se em uma pluralidade de experiências, pluralidade que afeta sejam as “antropologias”, sejam as “ciências”, sejam as “pandemias”. Vale destacar como o tema da pluralidade de experiências perpassou todo o percurso do grupo de trabalho, sendo este pensado como um espaço simétrico, engajado e participativo.

A proposta do grupo de trabalho surgiu como consequência da eclosão da pandemia de COVID-19 no começo de 2020. Nesse período, que corresponde ao primeiro semestre letivo no calendário acadêmico brasileiro, tinha resolvido ofertar a disciplina “Antropologia das Ciências” no quadro da oferta didática do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, onde estava atuando enquanto professor visitante. A disciplina, tinha o objetivo de apresentar um panorama das diferentes abordagens ao tema da produção de conhecimentos sobre o mundo e como estas refletem relações de poder, pressupostos epistemológicos e práticas situadas. Ademais, ela visava incluir debates históricos e contemporâneos sobre

¹ Esse texto é uma versão ligeiramente revisada de Bollettin (2020b).

as onto-epistemologias científicas, as hibridizações teóricas entre a ciência acadêmico-hegemônica e saberes alternativos e as políticas das ciências no cenário contemporâneo.

Devido ao seu caráter marcadamente interdisciplinar, o programa incluía textos produzidos tanto com olhar etnográfico ou antropológico, quanto textos de outras áreas. A disciplina também conseguiu despertar o interesse e juntar discentes oriundos de diferentes programas de pós-graduação da UFBA. Além de cinco discentes cursando antropologia no PPGA e de mais dois vindos do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História da Ciência, outros dois participantes não oficialmente matriculados participaram nos dois encontros presenciais semanais realizados (quatro horas, às terças feiras de tarde).

O programa da disciplina foi sendo discutido e ajustado coletivamente no primeiro encontro para acompanhar as sugestões e os temas de interesse específicos dos participantes. O calendário previa uma sequência de tópicos interligados entre eles: “A emergência da ciência hegemônica”, “A vida dos fatos científicos”, “Quem são os cientistas?”, “Questões de gênero na produção da ciência”, “Múltiplas onto-epistemologias das ciências”, “Diálogos entre saberes e praticas de conhecimento”, “As fronteiras do humano entre ciências biológicas e sociais”, “Antropologia, ciência e ontologia”, “Novas ciências?”, “Antropologia e complexidade”, “Interfaces entre ciências e tecnologias na transformação do mundo” e “Antropologia, ciências e inter-, trans, pós-disciplinaridade”.

No primeiro encontro, além de discutir e definir o programa e os tópicos, foi definido também que cada participante realizaria ao longo do semestre uma “mini-etnografia” do processo de aprendizagem de ciências em algum programa de pós-graduação da UFBA. Essa proposta, originalmente formulada por mim e acolhida com entusiasmo pelos outros participantes, visava complementar a formação “teórica” com uma experiência “prática”. Como apontado por Da Col e Graeber (2011), o processo de ensino de antropologia deveria basear-se tanto na “etnografia” quanto na “teoria”. Nessa direção foi decidido que cada participantes escolhesse um setor disciplinar diferente do próprio para alcançar um duplo objetivo. Por um lado, este exercício

visava efetivamente engajar os participantes no processo educacional (Kopnina, 2016; Bollettin, 2020a). Por outro, ele tinha a ambição de realizar coletivamente um mapeamento da aprendizagem das diferentes “ciências” na UFBA, mesmo que parcial.

Nos primeiros dois encontros houve ampla participação e comentários de satisfação dos participantes. André, por exemplo, expressou-se no grupo de WhatsApp: *“Foi muito massa... Que venham os próximos”*. Todavia, no dia 16 de março, na véspera do terceiro encontro, e dois dias antes do pronunciamento oficial da UFBA sobre a resposta institucional ao avanço da pandemia, a preocupação com a COVID-19 surgiu no grupo de WhatsApp. Julia finalmente colocou a fatídica pergunta: *“Boa tarde professor. Amanha vai ter aula normal?”*. Minha resposta foi na direção de estimular uma discussão coletiva: *“Boa tarde, por enquanto não teve nenhuma indicação de suspensão. A UFBA está discutindo isso hoje. O que vocês acham? Seria legal a gente decidir juntos”*. Logo em seguida, vários participantes se expressaram. Julia respondeu: *“Apesar da UFBA ainda não ter dado nenhuma indicação, algumas medidas foram tomadas pelo prefeito”* e anexou um print das medidas da Prefeitura sobre a suspensão das aulas na rede pública. Felipe também se colocou: *“Acho que EaD pode ser testada”*. Mauricio mandou um áudio na mesma direção e André acrescentou: *“Pelo visto todos estão tomando essas medidas de suspensão dos encontros. Mesmo a UFBA não se posicionar oficialmente as medidas para encontros coletivos já foram alertadas”*. Lis propôs uma sugestão: *“Eu concordo com o colega. Acredito que a modalidade EAD poderia ser adotada neste momento no mesmo horário da disciplina”*. Thainá também concordou: *“Concordo com a utilização das plataformas digitais, eu acho que é a medida mais prudente até entendermos o que está acontecendo”*.

Tendo em vista a unanimidade ao redor da suspensão dos encontros presenciais, logo em seguida começamos uma conversa sobre como realizar estes encontros “a distancia”. Devido à minha inexperiência com plataformas de conferências on-line e outras similares, pedi ajuda e sugestões aos participantes: *“Uma questão: eu nunca dei aula a distancia, assim, não sei como seria a dinâmica... Peço que me ajudem nisso”*. Varias propostas foram levantadas. Mauricio enviou os links das plataformas

Zoom, Scribblar e BigMarker. Em seguida Julia acrescentou: “*Até mesmo o Google disponibilizou uma plataforma [para] ead [educação a distância]*” e Mauricio apontou: “*Tem também o Skype e o HagsOut*”. A primeira tentativa aconteceu usando a plataforma GoogleMeet, porém essa requeria um cadastro do tipo conta “comercial”, assim, afinal a opção recaiu no Zoom², onde me cadastrei e a partir da qual enviei o convite para os participantes do grupo. Estes confirmaram ter recebido.

No dia do primeiro encontro “virtual”, ou seja, no dia seguinte (17 de março), todavia, as primeiras dificuldades apareceram.

Mauricio: Estou instalando o programa.

[...]

André: Ajeitando o programa aqui

Lis: E eu estou ajeitando o microfone do meu computador, me atrasei um pouco

André: Gente... Boa tarde. Alguém pode me auxiliar? Não estou conseguindo acessar a sala

[...]

Lara: Estou fazendo o download ainda

[...]

Alfa: Problema é entrar

[...]

André: Agora caiu minha conexão

[...]

Mauricio: Não consegui, por ora

[...]

Lis: Ainda não consegui, irei reiniciar o computador e já já entro... [...]

Apesar dessas dificuldades e do envio de sucessivos “convites”, afinal todos os participantes conseguiram se conectar e participar do encontro, mesmo com algumas instabilidades da conexão. Nesse encontro, começamos a conversar sobre o tema dos “fatos científicos”. O que são? Como se constroem? Como mapear os atores sociais envolvidos? Etc. Obviamente, os exemplos trazidos para a discussão foram marcados

² Em seguida a UFBA forneceu aos discentes uma conta Google Suite, assim que decidimos voltar novamente à plataforma Google Meet para realizar nossos encontros.

pela presença da COVID-19, assim que temas como as escolhas políticas do governo do Brasil e de outras instancias governamentais, as publicações “científicas” sobre a doença e as declarações “negacionistas” foram apontadas na conversa sobre “fatos científicos”.

Vale ressaltar como esse primeiro encontro virtual manteve muitas características das aulas “presenciais”, como, por exemplo, a exposição inicial do professor, a atenção dedicada ao conteúdo dos textos semanais, o formato de apresentação dos comentários dos participantes, etc. Nesse sentido, a dinâmica pareceu seguir as sugestões de Kleiman (2005), segundo a qual as ferramentas usadas, aqui a plataforma digital de conferência web, viriam a ser suportes pedagógicos e não a substituir os procedimentos educacionais. Todavia, fica claro como a realização de uma atividade didática on-line implica na aquisição de outras competências, diferentes das da didática presencial (Ching, Hsu, Baldwin, 2018). Não se trata de “transpor” de uma realidade presencial para outra virtual conteúdos, métodos, práticas e objetivos, mas sim de renegociar as interações entre os participantes, como descreverei em seguida.

O dia seguinte ao nosso primeiro encontro “virtual”, no dia 18 de março, chegou a comunicação da UFBA sobre a suspensão por tempo indeterminado das atividades acadêmicas. Frente a essa comunicação, a qual foi acompanhada por uma discussão acerca da possibilidade ou não de termos aulas opcionais on-line, ficou claro que caso estas tivessem acontecido, elas teriam que ser sucessivamente repostas. Ou seja, a postura institucional, diante das dificuldades de acesso a internet de parte do corpo discente, foi de não prejudicar essa parcela e postergar o semestre. Isso gerou uma conversa entre os participantes da disciplina sobre o que fazer nas novas condições.

Paride: Pessoal, como viram a UFBA suspendeu as atividades [...] Assim queria perguntar o que vocês acham deveríamos fazer.

[...]

André: Visto que tínhamos que repor aulas novamente não sei o que seria melhor...

[...]

André: O que o grupo achar melhor eu estou de acordo

[...]

Mauricio: O que acham de conversarmos quanto aos textos complementares? Eu não consegui dar conta ainda até agora

Enquanto tomávamos essa decisão, vários participantes começaram a compartilhar textos e coloca-los no Google Drive que tínhamos organizado no começo do semestre para disponibilizar os materiais bibliográficos da disciplina. Decidimos assim que cada participante pudesse escolher o texto de própria preferencia entre os complementares (cada aula previa no mínimo quatro referencias bibliográficas complementares). No momento do encontro cada participante ia apresentar aos outros seu próprio entendimento do texto escolhido, para em seguida se buscar coletivamente as possíveis conexões entre os textos e enfim tentando produzir uma síntese geral.

Ademais, uma certa preocupação acerca da duração da situação emergencial estava começando a se instalar no grupo.

Lara: As aulas só devem retomar em maio. O pico do vírus será provavelmente em abril. Então, maio ou junho. Antes disso é loucura voltar às aulas. Tem bastante gente com vírus.

Julia: Imagino que vão cancelar o semestre. Na UnB já fizeram isso.

Lara: Acho que você está certa. Infelizmente teremos uma fase difícil. Iremos superar.

Esse contexto de incerteza e de inicial confusão quanto ao desenrolar-se da pandemia, que claramente adentrava as discussões do grupo, era piorado pela circulação de notícias sobre corte de bolsas e de financiamentos à pesquisa por parte do Governo. Esse panorama gerou animadas repercussões nos diferentes meios de comunicação do corpo discente e docente da UFBA, mas também de forma geral no mundo acadêmico do País. Também no contexto do grupo de participantes da disciplina tais preocupações viraram dominantes, mas ainda no segundo encontro virtual mantivemos o calendário original de leituras complementares da disciplina.

Enfim, no dia 30 de março, na véspera do nosso terceiro encontro virtual, Mauricio compartilhou um vídeo do Canal do Youtube Casa

do Saber, acompanhado pelo comentário: “*Estão falando sobre a função das ciências frente ao coronavírus*”. Imediatamente, no encontro do dia sucessivo, o tema de discussão veio a ser a importância das ciências na compreensão e no enfrentamento da pandemia. A proposta que surgiu naquele momento, portanto, foi repensar o trabalho final. Este, como mencionado anteriormente, previa a realização de micro-etnografias sobre produção e práticas de conhecimentos nas diferentes disciplinas na UFBA. Face a impossibilidade de realizar o trabalho previsto, mas também da urgência sentida pelos participantes do grupo de ter uma melhor compreensão da situação contingente, emergiu a ideia de que cada participante focasse nas discussões geradas pela COVID-19 em um âmbito disciplinar de sua escolha. Essa tarefa de mapeamento das discussões em setores disciplinares específicos vinha a se somar à leitura dos textos da disciplina.

Dessa forma, veio se configurando uma dinâmica híbrida, na qual todos os envolvidos se engajaram na leitura de textos compartilhados, mas, ao mesmo tempo, buscavam usar-se desses materiais para compreender de que forma a pandemia adentrava as diferentes disciplinas. Esse exercício demonstrou-se desde o primeiro momento muito produtivo e vários textos, *lives* e outros materiais começaram a ser compartilhados tanto nos momentos de nossos encontros quanto via o grupo de WhatsApp e via e-mail. Ademais, essa estratégia permitiu de dar continuidade ao mencionado objetivo de ter uma experiência “etnográfica” no processo de aprendizagem. Conforme relata Vaisman, a realização de um trabalho etnográfico no âmbito de uma disciplina no contexto pandêmico “*foi a nossa oportunidade de estudar o desenvolver de um evento enquanto da criação de uma rede de suporte em tempos de tremendas transformações*” (2020: 373). Nesse sentido, a pandemia afetou as vidas dos participantes de forma dramática; por exemplo, vários tiveram dificuldades domésticas relacionadas aos cuidados com familiares. Todavia, por outro lado, ela permitiu alcançar uma forte coesão entre os participantes, como demonstram a assídua continuidade da participação nos encontros e seus comentários nos vários grupos de comunicação entre eles.

Cada participantes escolheu seu próprio “campo” de investigação, mapeando os textos que eram produzidos num específico setor disciplinar, ou focando questões específicas a partir de como estas se encaixavam das discussões sobre a COVID-19. Essa escolha demandou a reformulação inclusive das práticas de pesquisa (conforme descrito nos textos que compõem esse volume). Como aponta a literatura sobre o fazer etnográfico em capôs digitais (por exemplo, Cardenas, 2020; Goralska, 2020; Pereira, Mendes, 2020, dentre inúmeros outros), os desafios são múltiplos e vão desde o acesso aos informantes, à busca de materiais em sua superabundância, questões éticas de exposição, etc.

A prioridade foi inicialmente dada a realizar a busca nos bancos de dados (especialmente GoogleScholar e PubMed) das publicações que estavam sendo produzidas em número cada vez mais abundante (Costa *et al.*, 2020). Em seguida, tais produções eram associadas a outras formas de mapeamento das discussões como outros materiais disponíveis na Internet (conferencias, *lives*, palestras, entrevistas, etc.) e com os materiais bibliográficos que estávamos discutindo nos nossos encontros. Estes eram também os momentos nos quais cada participante compartilhava com os outros colegas seu trabalho e suas eventuais dificuldades. Apesar da dimensão “individual” da tarefa, o esforço vinha a se configurar como coletivo pelo contínuo compartilhamento das informações. Ademais, essa proximidade entre os participantes permitia compartilhar também outras angústias, como o avanço da pandemia, as medidas “tímidas” de contenção desta, etc.

Em 25 de abril, começou a circular um vídeo entre a comunidade UFBA, no qual o Reitor Professor João Carlos Salles Pires da Silva comunicava o lançamento do Primeiro Congresso Virtual da UFBA³. Esses congressos, realizados anualmente em formato presencial, visam dar visibilidade à produção, circulação e diálogos entre diferentes saberes na universidade em dialogo com a sociedade mais ampla. Por essa razão, surgiu a ideia de usar esse espaço para divulgar nossas discussões. Novamente, a primeira discussão surgiu no grupo de WhatsApp:

³ Veja-se: <https://congresso2020.ufba.br/> Último acesso em 01/12/2020.

Paride: Pessoal, acho que o evento poderia ser uma opção interessante para divulgar o que estamos fazendo. [...] O que acham?

Julia: Que legal! Acho uma boa profê

[...]

Daniel: Boa! Mauricio: [aplausos] Lis: [aplausos]

Nos encontros seguintes, assim, as conversas começaram a ser focadas na direção de sistematizar o andamento dos trabalhos individuais de pesquisa. Mesmo continuando com a leitura e discussão dos textos, foi decisão coletiva que pudéssemos usar esses momentos para que os interessados em apresentar no Congresso apresentassem previamente suas ideias numa discussão no grupo. Criamos também uma planilha compartilhada no Google Drive para construir uma proposta coerente, que abarcasse as propostas. Alguns participantes comunicaram a própria impossibilidade de submeter uma proposta devido às dificuldades geradas pela COVID-19, como, por exemplo, a maior carga de trabalho gerada pelo cuidado de familiares. Mesmo assim, a maioria participou ativamente na discussão da proposta geral, a qual priorizou as apresentações dos discentes, sendo eu o comentador e o moderador. Enfim, a proposta foi circulada por e-mail e sucessivamente apresentada para avaliação da organização evento.

Face à atual situação sanitária que afeta o mundo inteiro, a mesa visa contribuir ao debate público apresentando algumas reflexões a partir de um olhar antropológico sobre as relações entre “ciências” e Covid-19. Sendo ambas, ciência e vírus, experiências de múltiplas redes de relações sociais, políticas, econômicas, etc., um olhar antropológico permitirá mapeá-las de forma a tornar visíveis as múltiplas negociações, controvérsias e mediações que fundamentam a produção científica sobre o Covid-19. Nessa perspectiva, a mesa visa estimular uma reflexão sobre as dinâmicas sociais da produção científica, com seus desdobramentos relativos às formas como a ciência atua e é atuada no debate público, nos círculos especializados, nos laboratórios e nas publicações.

Depois do processo seletivo por parte da organização do Congresso, fomos comunicados de que nossa proposta tinha sido aprovada. Essa

notícia foi acolhida com felicidade pelos participantes e logo produzimos um cartaz de divulgação.

Na semana anterior a nossa apresentação, a excitação e a ansiedade eram palpáveis entre os participantes, alguns dos quais iriam apresentar publicamente pela primeira vez. Todavia, o clima informal e de proximidade que construímos ao longo dos meses contribuiu para que as dúvidas, preocupações e empolgações fossem compartilhadas livremente. Afinal, foram apresentadas três falas: Júlia Barbosa Silva, “Coronavírus, Ciência e Complexidade”; Thainá Soares Ribeiro, “A presença das mulheres nas pesquisas sobre o COVID-19 no Brasil”; e Daniel Galvão Travassos, “O impacto das pesquisas em nanotecnologia de fabricação de fármacos antivirais pelo Programa PPCQ UFS”. No dia imediatamente seguinte à realização do evento, começamos a receber expressões de interesse por parte de pessoas que tinham acompanhado as falas e queriam se engajar no grupo. Tendo em vista a proposta de que este fosse um grupo aberto e colegiado, incluímos os novos participantes em nossos encontros e discussões nos diferentes suportes virtuais.

O primeiro encontro depois do Congresso foi focado numa operação de avaliação da atividade e de planejamento dos passos futuros. Tendo em vista o sucesso e o retorno do público (o número de visualizações no Youtube e no Facebook⁴ do evento superou a centena), começamos a conversar sobre quais poderiam ser outras estratégias de divulgação.

Nesse panorama, surgiu a proposta de transformarmos os trabalhos individuais em textos escritos para uma possível publicação coletiva. Assim, nos encontros seguintes, as dinâmicas previam continuarmos a ler e comentar os textos, mas agora com foco nas formas como estes podiam contribuir para a elaboração dos trabalhos escritos. No mesmo contexto, todavia, outros temas continuavam a gerar preocupações: as propostas de corte de bolsas de estudos feitas pelo então Ministro da Educação, o avanço da pandemia, a incerteza sobre o retorno das

⁴ Respectivamente: <https://www.youtube.com/watch?v=8jFPmNpGrGs> e <https://www.facebook.com/congressoufba/videos/1429793843889702/> Último acesso em 01/12/2020.

atividades acadêmicas, etc. Os participantes continuavam a compartilhar textos, links e comentários tanto nos encontros quanto no grupo de WhatsApp. Assim, nossas discussões continuavam a focar nas várias dimensões acadêmicas, públicas, sociais, de gênero, políticas, etc., da interface entre ciências e COVID-19. Para muitos era a primeira vez que enfrentavam o desafio de transformar uma reflexão produzida de forma “pessoal”, durante uma disciplina, em um texto formalizado, visando sua publicação. Para outros, esse exercício já era mais familiar. A resposta, porém, foi entusiasta e logo todos se animaram em participar.

O resultado desse esforço coletivo é presente volume. Ao todo, este inclui oito textos: “Impacto do negacionismo da ciência no combate à COVID-19 no Brasil”, de Antonio Alfa Candé; “Políticas Econômicas Brasileiras e a COVID-19: A Constituição de um Coletivo Antidemocrático”, de Felipe Rebelo Gomes de Lima; “O lugar da ausência” de Ismael Silva dos Santos; “Coronavírus, Ciência e Complexidade”, de Júlia Barbosa Silva; “COVID-19 e difusão do conhecimento: Diálogos possíveis”, de Moisés dos Santos Viana; “O enfrentamento da Covid-19 no Sistema Prisional de Salvador diante do Estado de Coisas Inconstitucional”, de Sthella Laryssa Barros Loureiro Lima; “Repensando o conhecimento científico: A presença de mulheres cientistas nas pesquisas sobre a COVID-19 no Brasil”, de Thainá Soares Ribeiro; e “Covid, Genes e Neandertais: Uma controvérsia sobre a origem do humano”, de Paride Bollettin.

O presente volume é portanto uma construção no plural por diferentes razões. A primeira é a pluralidade de antropologias, ciências e pandemias aqui apresentadas: move-se da economia, para a difusão do conhecimento, das relações de gênero ao sistema prisional, das teorias da complexidade para aquelas da evolução. Ademais, a própria origem acadêmica das/dos participantes é diversificada, trazendo dessa forma a polissemia e poliedricidade da reflexão etnográfico-antropológica para além de uma especialidade disciplinar. Se o entendimento do que seriam essas antropologias, essas ciências e das formas que estas incorporaram a pandemia são portanto diversificados, por outro lado outra pluralidade emerge. Trata-se da pluralidade na própria construção das reflexões aqui apresentadas. Estas, como vimos acima, foram

discutidas coletivamente ao longo do desenvolver-se da pandemia, numa encruzilhada entre interesses intelectuais, experiências pessoais, e vividos sociais das/dos participantes. Nesse quadro, o presente volume visa estimular a continuidade de tais reflexões, promovendo novos esforços coletivos de reflexão e nova possíveis aproximações.

Bibliografia

- Bollettin, P. 2020a. Teaching Environmental Anthropology in Brazil and Latvia. *Teaching Anthropology* 9(2): 66-77.
- Bollettin, P. 2020b. Antropologias das Ciências em tempo de pandemia. In: Bollettin P.; Vega Sanabria G. and Gomes Tavares F.R. (Eds.). *Etnografando na pandemia*, 267-285. Padova: CLEUP.
- Cardenas, J.A. M. 2020. Etnografía digital multisituada: jóvenes universitarios y universitarias estudiando desde casa em tiempos de covid-19. *Cadernos de Campo* 29(2): 01-19.
- Ching, Y. H., Hsu, Y. C. and Baldwin, S. 2018. Becoming an online teacher: an analysis of prospective online instructors' reflections. *Journal of Interactive Learning Research* 29(2): 145-168.
- Costa, I.C.P. et al 2020. Produção científica em periódicos online sobre o novo coronavírus (COVID-19): pesquisa bibliométrica. *Texto Contexto Enferm*, Doi: 29:e20200235. In: <https://doi.org/10.1590/1980-265XTCE-2020-0235> Último Acesso em 01/12/2020.
- Da Col, G., Graeber, D. 2011. Foreword: The Return of Ethnographic Theory. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 1(1): vi-xxxv.
- Goralska, M. 2020. Anthropology from home: Advice on Digital Ethnography for the Pandemic Times. *Anthropology in Action* 27(1): 46-52.
- Kleiman, A. B. 2005. *Aspectos Cognitivos da Leitura, Letramento do Professor*. São Paulo: Ed. Pontes.
- Kopnina, H. 2016. Of Big Hegemonies and Little Tigers: Ecocentrism and Environmental Justice. *The Journal of Environmental Education* 47(2): 139-150.
- Pereira, S. C. S., Mendes, S. P. C. 2020. Um debate sobre o campo online e etnografia virtual. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas* 21: 196-212.
- Vaisman, N. 2020. Teaching ethnographic methods under COVID-19. *Social Anthropology* 28(2): 372-373.